

IMPrensa EVANGELICA

PUBLICA-SE

N. 1

Sabbado 5 de Novembro

1864

IMPrensa EVANGELICA

PROSPECTO

Temos perlustrado todas as classes da sociedade com o designio de lhe prestarmos de um modo proporcionado ás suas mais legitimas exigencias na esphera religiosa: Em toda parte achamos disposição para conversações santas, desejo ardente de reformar o coração, esforços de uma alma afflicta por se reconciliar com Deos:—Não importa isto um protesto solemne, de que não vivemos só para este mundo, senão também para um outro mundo, que infallivelmente nos espera, logo que a morte nos transforma?

O homem, porém, parece ter no peito, á hora da devoção, um coração inteiramente differente daquelle que revela sua vida commum. — Aqui, seus actos não correspondem á religião que professa; e, se alli se mostra escrupuloso em praticar acções que lhe acarretarião a justiça de Deos, não se mostra menos naquellas que não revelião algum amor a Deos: nem sempre a santidade de suas obras confirma seus bons propósitos, raras vezes imitando a Jesus Christo aquelles que mais publicamente o confessão.

No meio do cháos de idéas religiosas, que divide actualmente os homens, inutil fóra descobrir-lhes as fontes d'onde borbulha o mal, se para cura-lo lhes não applicassemos meios: A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção doméstica, pelo orgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis da nossa parte a applicação dos meios:

Se de nossos esforços não conseguirmos vingar pelo menos o minimo do nosso designio, ainda assim lisonjaremos jubilosos, por havermos cumprido com o nosso dever.

Tal é a unica missão da Imprensa Evangelica. Sahirá com um numero de 8 paginas que, além dos artigos de fundo, conterá um noticiario universal de interesse puramente evangelico.

Com o progresso de nossa Igreja, iremos dando á nossa folha o desenvolvimento que lhe convém, por publicações variadas, que sem se afastarem de seu principal objecto, lhe procurarão o attractivo da novidade nas fórmãs.

Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do individuo, estranho á toda e qualquer ingerencia em politica, á todos é consagrado; porém com muita particularidade o dedicamos áqueles para quem a religião de Jesus Christo ainda não se tornou cousa indifferente, e, no meio da perversão universal de seus principios divinos, não trahirão ainda o dom mais precioso de Deos — a liberdade de consciencia perante o Evãgelho.

Considerações sobre a religião.

Todas as religiões têm em commum o fim que pretendem conseguir. Todas ellas reconhecem como axioma fundamental, que a raça humana padece tantas e tão grandes necessidades, que é mister um remedio sobrenatural. Qualquer systema que não reconheça a necessidade de buscarmos fora de nós as forças indispensaveis á nossa felicidade, não passa de um systema philosophico. O sobrenatural é a linha divisoria entre a philosophia e a religião. Todas as theorias philosophicas se basão na creança da rehabilitação do genero humano no seu estado como do individuo, está no desenvolvimto e perfeiçoamento dos dotes do corpo e do espirito, e não que a natureza nos beneficie. Só na religião é aquella que negue este principio, sustentando a fraqueza radical do homem, e a necessidade de procurarmos em outra parte as forças que a philosophia, em vista curta, pretende achar em nós mesmos. Esta necessidade de adjutorio sobrenatural é o ponto de par-

tida de todo o systema, que merece ser lido por uma religião na própria acceção da palavra.

Mas as diversas religiões, que, de accôrdo combatem os principios dos que pretendem achar nos dotes da natureza tudo quanto é necessario, para que o genero humano se rehabilite, apenas passão deste axioma, dividem-se em mil crenças irreconciliaveis. Cada uma aprecia a seu modo a causa dos males que padecemos. Os remedios proprios para cura-los, são infinitos. Onde existe accôrdo sobre o unico remedio proprio, ha muitas vezes grande discrepancia de pareceres a respeito da preparação e applicação desse remedio. Desta sorte succede que, não obstante todas as religiões terem em commum a salvação do genero humano, por meios sobrenaturaes, são tão diversas, que a verdade não pôde achar-se senão só n'uma dellas. Cremos ser esta a religião christã, da qual o Evangelho é exposição cabal e perfeita.

Procuraremos dar uma idéa exacta do fim que a religião christã pretende conseguir. Em geral pôde-se afirmar que o fim da religião de Christo, tal qual o Evangelho a representa, é salvar a raça humana de um modo tal que o universo inteiro seja constrangido a glorificar o santo nome de Deos. Eis o problema do qual o Evangelho é a solução—a salvação do homem de um modo conforme aos principios fundamentaes da lei de Deos.

A difficuldade está na reconciliação dos attributos de um ser supremo e perfeito com a salvação de creaturas, taes como somos nós. A mesma difficuldade não tem lugar senão na religião verdadeira, pois só ella conhece a existencia de um Deos perfeito e immutavel, cujas leis não podem ser postergadas, qualquer que seja o fim que se propõe atingir. De todas as religiões, só a de Christo consegue offerecer aos homens uma salvação plena, adquirida em perfeita harmonia com os principios da justiça absoluta. As mais religiões, contanto que possam satisfazer ás exigencias de seus devotos e á ambição do seu clero, não duvidão usar de todos os meios. Todo o seu empenho é por conseguir o que possa contentar aquelles que as abração.

A religião christã tem como o seu alvo regenerar e salvar aquelles que a abração, sem a menor quebra da dignidade do ser supremo, e sem a menor infracção de suas leis. A condição, sem a qual não pôde haver a menor possibilidade da salvação, é, que a lei do seu divino autor não seja em cousa alguma menoscabada pelo Evangelho da paz e caridade, que elle offerece aos homens.

Deos, fazendo-se justificador dos homens, não pôde deixar de ser elle mesmo justo.

É forçoso confessar, que a razão humana não sabe conciliar a justiça absoluta de um Deos immutavel, com a salvação de creaturas tão indignas e criminosas, como somos nós.

Porém o Evangelho é a solução perfeita deste problema. N'elle Deos se nos revela, reconciliando consigo os humanos, sem que a sua justiça ou santidade em verdade seja nisto deslustrada. Perdoando aos contrictos e crentes, Deos mais que nunca merece que todas as creaturas lhe louvem a sua justiça,

santidade e caridade. A demonstração desta harmonia pede outro artigo.

(Continúa.)

Testemunho de homens distinctos sobre a excellencia da Biblia.

Diz Muller, o grande historiador: « O Evangelho é o cumprimento de todas as esperanças, a perfeição de toda a philosophia, o interprete de todas as revoluções, a chave de todas as apparentes contradicções no mundo physico e moral. Elle é a vida; é a immortalidade. Desde que conheccis o Salvador, tudo é claro; com elle nada ha que não tenha facil solução.»

Diz Sir Francis Bacon: « As tuas creaturas tem sido os meus livros; porém as tuas Escripturas muito mais: eu te procurava pelas ruas, nos campos e nos jardins, mas te achei nos teus templos.»

« Eu creio que a palavra de Deos, pela qual a sua vontade é revelada, continuou em revelação e tradição com Moysés; e que as Escripturas existião desde o tempo de Moysés até o dos apóstolos e evangelistas; em cujo tempo, depois da vinda do Espirito-Santo, o livro das Escripturas foi concluido e fechado, para não receber qualquer nova addição; e que a igreja não tem o poder, depois de completas as Escripturas, de ensinar ou mandar cousa alguma contraria á palavra escripta.»

Instrução e culto domestico.

O PAL NOSSO.

— Meu filho, o que é orar?

— É dizer a Deos tudo o que sentimos e pedir a Elle em nome de Jesus tudo o que precisamos. Os meninos podem dirigir-se a Deos com a mesma confiança com que se dirigem a seus pais.

— Quaes são as culpas que a gente muitas vezes commette em suas orações?

— Muita gente, em vez de fechar-se em seu quarto onde a alma sem distracção pode communica-se com Deos que está presente em toda a parte, busca os lugares mais publicos para serem vistos dos homens (Matt. 6, 6). Alguns, á imitação dos pagãos, repetem sempre as mesmas palavras, como se o Deos dos christãos não pudesse logo comprehender o que desejamos. (Matt. 6, 7.)

— Como é que Deos quer que o chamemos?

Não é admiravel, que Deos, sendo tão grande e glorioso, consentisse e desejasse que homens peccadores, e até os pequeninos, lhe dessem o nome de pai?

— Se elle não nos tivesse fallado pela boca do seu Filho Jesus Christo, teriamos animo para assim orar?

— Não; mas agora que elle assim quer, como não devemos estar satisfeitos e alegres!

— Como é que um bom pai trata a seus filhos?

— Elle os ama, os sustenta, os ensina e os corrige quando fazem cousas mal feitas.

— Dizendo-se: Nosso Pai, será verdade que Deos promette tratar-nos assim?

— Deos assim trata a todos os seus filhos.
 — Como podemos ser filhos de Deos? (*Galatas 3, 26.*)

— Que significa a palavra *nosso*?
 — Que Deos tem muitos filhos, e todos os homens são irmãos, e devem amar uns aos outros e orar uns pelos outros.

— Porque se diz estar Deos nos céos?
 — Para nos fazer entender a grandeza e a gloria de Deos, e a mentira daquelles que ensinão que Deos habita na terra ou tem semelhança alguma. Deos é celeste e invisivel.

— Qual é a primeira petição do *Pai Nosso*? Qual é a razão de principiar esta *oração* assim?

— Para dar a saber que a gloria do nome de Deos é o fim principal do homem e de todas as cousas. (*Rom. 11, 36 e 14, 7 — 9.*)

— Como é que se santifica o nome de Deos?
 — Santificamos o nome de Deos quando temos no coração taes pensamentos e sentimentos, que, ao ouvirmos ou pronunciarmos o seu nome, o façamos com reverencia, humildade e amor.

— Como fazem os Anjos a este respeito? (*Isaias 6, 3.*)

— Será possivel que as pessoas, que a cada momento fallão em Deos, o fazem com esta reverencia?

— Não; pois as mais das vezes é só por costume.

— Que mandamento da lei é violado por este máo costume? (*Exodo 20, 7.*)

— Qual é a segunda petição? (*V. 10.*)

— O que é o reino de Deos? (*Rom. 14, 17.*)

— Pedindo que o reino de Deos venha, o que é que desejamos?

— Que Deos nos faça a nós e a todos os homens justos, cheios da paz e felizes.

— Qual é a terceira petição? (*V. 10.*)

— Como se faz a vontade de Deos nos céos?

— Perfeitamente.

— Para que algum faça este rogo sem hypocrisia e mentira, o que é indispensavel?

— Todo aquelle que vive em peccado, violando qualquer preceito da lei de Deos, emquanto continuar a viver assim não pôde pedir de coração: *Venha a nós o teu reino.*

Para decorar.

Um convite.

Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos alliviarei: tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas, porque o meu jugo é suave e o meu peso leve. (*Matt. 11, 28 — 30.*)

Oração.

Senhor, nosso Deos, nós to damos graças por nos ensinares a chamar — *Pai nosso* que estás nos céos. — Faze com que te amemos, te reverenciemos e te obedecemos como filhos. Perdôa-nos as nossas culpas por amor de Nosso Senhor Jesus Christo. Ajuda-nos a glorificar o teu nome, emquanto estivermos sobre a terra, para que, em morrendo, sejamos

levados para onde não haverá mais peccado, nem dôr, nem pranto, e onde o Senhor enxugará as lagrimas de todos os olhos! Amen.

LUCIA OU A LEITURA DA BIBLIA

POR ADOLPHO HONOR.

PROLOGO

CARTA I.

Lucia ao Sr. Cura Fabiano.

Causar-lhe-ha admiração receber uma carta minha, e esta admiração crescerá depois de sua leitura. Porém, não tenho no mundo a quem descobrir-me sobre um assumpto que me occupa ha duas semanas.

Pela primeira vez em minha vida começo a confecer que não tenho religião e a saber que desejo ter uma. Como todo o mundo, ou antes, como todas as mulheres, tambem tive um momento religioso na idade em que o coração principia a sentir a necessidade de amar, e que se entrega a Deos, na falta de outro objecto que o atraia. Entretanto, isto não foi senão como um relampago, porque immediatamente os prazeres, os obsequios que mereci á sociedade, o affecto que soube inspirar-me o Sr. de Lassalle, e por ultimo os deveres da vida, um marido, uma casa e os filhos, absorverão toda a minha attenção; e se o costume de assistir á missa com minha familia me recordava de vez em quando que existia um Deos, devo confessar que fora da igreja pensava bem pouco nelle. Meu marido, como V. sabe, Sr. Cura, pouco se importa do que faço em materia de religião, e tanto eu tenho sido indifferente, como elle inteiramente incredulo.

É provavel que V. ignore que nasci protestante, cousa de que apenas me recordo.

Perdi minha mã, ao hascor, e meu pai aos doze annos. Quando me casei, apenas me restavão alguns parentes remotos; portanto, segui sem resistencia e sem premeditação a religião de minha nova familia, e nella se educarão meus filhos. Mas emfim, confesso com vexame que jámais commungei.

O que me fez pensar em tudo isto, foi uma circumstancia, que a V. parecerá quasi esteril.

Em o dia de Todos os Santos, o tempo estava magnifico, sahimos a passeio, e passámos em frente aos muros do cemiterio. Nossa conversação, perdendo por um momento sua frivolidade ordinaria, versou por alguns instantes sobre a morte e o enterro; e então a mim mesma eu fiz esta pergunta: — Quando eu morrer onde me sepultarão?

Do origem protestante, catholica pelas circumstancias, mas na realidade sem ser dedicada nem á uma, nem á outra religião, a qual dellas pertenceria o meu corpo?

V. pôde pensar de mim o que quizer, Sr. Cura; mas o que é certo, é que essa duvida me tem inquietado, perseguido, e despertado as primeiras reflexões sérias, que jámais havia feito em materia de religião.

Principiei inquietando-me unicamente pelo corpo, e acabei fazendo-o tambem pela alma: finalmente quero saber o que sou.

O mais acertado era ser realmente catholica, pois não vejo razão alguma para voltar ao culto de meus pais; porquanto, no caso de haver igualdade entre as duas communhões, haveria mais facilidade em permanecer no que sou, ou no que se suppõe que sou.

Posso, sem ruído, ser catholica, mas não posso ser protestante, sem provoca-lo. Por outro lado, muito me repugna separar-me de meu marido e de meus filhos, e antes me exporia a soffrer tudo, do que collocar-me no risco de estabelecer uma divisão em minha familia. Além destes, ainda ha outros motivos mais graves que me attraem à religião catholica, e não os tome V. por um cumprimento, porque isto que lhe vou dizer o diria tambem a um ministro.

Apezar das preocupações de meu nascimento, não posso deixar de reconhecer na religião de V. um certo tom de autoridade, que não encontro na outra. Tudo me attrae para ella, sua extensão, sua ordem admiravel, sua antiguidade, a pompa de suas ceremonias, e a magnificencia de seus edificios. Entretanto, sinto a necessidade de conhecer melhor uma lei que quero abraçar de todo; e em quanto espero outras luzes, estudo o *Manual do Christão* de que usava na igreja, sem pensar no que lia.

Neste livro, o que mais chamava a minha attenção, são aquellos trechos das Escripturas Sagradas, que se citão nelle; já porque a Biblia é o fundamento commum de ambas as religiões, e porque, lendo-a, não fallo nem à fé catholica, nem à protestante; ou já por causa de um sello, ou nota particular que encontro nesta parte do *Manual*, que a distingue de todas as outras. Tudo li com gosto edificante, porém os Evangelhos e as Epistolas não me farto de ler, e deixão em meu espirito uma dupla impressão que a mim mesma não sei explicar, e que se torna necessario, que V., Sr. Cura, me faça comprehender.

Por um lado, como acabo de dizer-lhe, o que da Biblia li no *Manual* me parece ter um tom de candura e de autoridade, que me faz crer que foi escripta por inspiração divina. Mas, por outrò lado vejo, eu o confesso, cousas tão estranhas, tão oppostas às idéas communs, que me custa persuadir-me de que sejam verdadeiras, e de que Deos tivesse fallado assim. Olhe, Sr. Cura, já que devo lhe dizer tudo, muito me custa acreditar que Deos houvesse fallado aos homens, por qualquer modo.

Uma revelação, prophetas, milagres... Perdõe minha franqueza, pois me parece contraproducente que as cousas se passassem dessa maneira; e, se bem que esteja mui longe do crer o que meu marido diz sobre este assumpto, suas razões me alludão ás vezes mais do que eu quizera.

O que diz V. de tudo isto, Sr. Cura? São cousas reaes essas historias maravilhosas? V. o crê assim? Não o duvido, pois conheço a rectidão que lhe é propria. Um homem, como V., não se pronuncia sem

provas; mas, quaes são ellas? Tem V. algumas para dar-me, que satisfação completamente o meu espirito?

Não é elle dos mais accessiveis à fé, bem o vê V., porém não é refractario à luz.

Seja, porém, como for, não desejo as cousas pela metade, e uma vez empenhada neste assumpto, não quero que me fique algum remorso.

V. já terá comprehendido o porque não me dirijo ao cura da parochia. O Sr. Aleixo é um homem de bem, porém, é um desses jovens que principião agora nas igrejas, e que não conhecem senão o seminario. O que necessito é de um homem que me inspire mais confiança, e que eu possa contar com sua discrição.

Se V. se der ao incommodo de responder-me, eu lhe supplico que não se olvide de que não tenho nem grande engenho, nem muito saber. Falle-me V. sinceramente, e não me dê senão razões que estejão ao meu alcance.

CARTA SEGUNDA.

O Sr. Cura Fabiano d Lucia.

O incommodo de responder a V. Ah, senhora, não me falle deste modo. A carta que me fez a honra de escrever, éa mais agradável que me fôra dado receber. O que ha de mais satisfactorio para um ministro de Jesus Christo, do que ver uma pessoa buscar a verdade, com a boa fé com que V. o faz?

E que occupação mais conforme com o meu goslo e o meu dever, do que ajuda-la nesta investigação com as minhas fracas luzes, se bem que com todo o ardor de meu ministerio?

Deos já principiou a ensinar a V., e creia que Elle mesmo o acabará. É verdade que V. segue um caminho differente daquelle que costumão seguir as almas fieis. Quasi sempre se principia crendo na igreja, e depois sobre a fé da igreja se crê na Santa Biblia, de cuja inspiração aquella nos assegura. V. ao contrario quer ir da Biblia à igreja. Não deixaria isso de causar-me alguma inquietação, se não estivesse convencido de que V. não tardará a voltar ao caminho costumado, que, sem contradicção, é o mais simples e o mais seguro.

Em pouco tempo reconhecêrá V., senhora, que não ha tranquillidade bem fundada, senão para quem se entrega inteiramente à igreja, como um filho à sua mãe, para que ella o conduza a Deos. A oração, a experiencia, o estudo de seu proprio coração, e ainda, a difficuldade que V. já encontra em seu caminho, lhe farão conhecer melhor do que as minhas advertencias, e farão por arrancar de seu espirito essa resto de protestantismo, que faz com que V. inverta a ordem de sua conversão.

Quer V. que lhe apresente provas que demonstrem a origem divina do nossa santa religião. Isso seria muito mais facil, ou para melhor dizer, esse cuidado seria superfluo, se V. tivesse seguido a marcha que acabo de explicar-lhe, e aprofundido desde logo a submeter-se em tudo à decisão da igreja.

Nesse casa, em quatro palavras, tudo eu lhe teria dito: a Biblia é um livro inspirado por Deos, porque assim nos ensina a igreja, que não pôda enganar-nos.

Mas no caso em que V. se acha, vejo que essa resposta não a satisfaria. Portanto não me escusarei a dar-lhe outra mais conforme com o meu desejo, para não dar-lhe occasião de que veja uma derrota em meu silencio. Deos me guarde de fazer alguma cousa, que possa escandalisar a sua nascente fé.

Porém, senhora, o ponto sobre que me consulta é de muita consideração para uma carta.

Melhor mo explicarei em uma conversação, na qual V. poderá propôr-me seus embarços e suas duvidas.

Para a semana que vem, tenho de fazer uma viagem a ... Não terei tempo de deter-me na ida, porém na volta terei a honra de descansar em sua casa, e poderemos então desembaraçadamente conferenciar sobre um assumpto, que por tão justos motivos, tanto lhe interessa.

(Continúa.)

A experiencia de um velho christão.

Um velho pastor evangelico, que já passou o termo de sessenta annos de idade, mas ainda continúa a desempenhar perfeitamente a sua missão, ha pouco prégou um sermão aos velhos de sua parochia. Desejando mostrar quanto é bom que o christão á proporção que vai se approximando do termo de sua vida, desprenda-se mais e mais de cousas mundanas, servio-se desta comparação tão bella como justa:

« A terra, no seu gyro annual, sempre se conserva 95 milhões de milhas ou quasi 24 milhões de leguas distante do sol. Com o decurso do tempo, esta distancia nem se diminue, nem se augmenta, e por consequencia o sol á nossa vista, e em relação á terra, é um objecto insignificante.

« Mas, supponhamos que a terra deixando de seguir a sua orbita em roda do sol, á distancia de 24 milhões de leguas, fosse em direitura para o sol, approximando-se deste com a mesma rapidez com que agora caminha na sua orbita actual; a — cada instante, o sol parecer-nos-hia fazer maior vulto, dilatando-se e enchendo o espaço com os seus raios e brilhe: não tardaria a occupar tal extensão do espaço, e a fazer-se tão brilhante, que em comparação a terra, pareceria ser nada.

« Tal é agora o meu modo de olhar a vida do homem sobre a terra. Quando era menino, e no verdor da mocidade, a eternidade me parecia estar mui distante. Pouco se me dava de pensar nella. Porém, agora que tenho chegado á uma idade tão avançada, segundo me está parecendo, a terra não segue mais a sua orbita em roda do sol, mas vai rapidamente approximando-se d'elle em linha recta. Cada vez distingo melhor as cousas eternas, as quaes vão augmentando de proporção, ao passo que a distancia que nos separa vai-se diminuindo. Já vivo preocupado dos interesses da vida que me espera além dos tempos, e a terra, com tudo quanto o coração humano ambiciona, vai desvanecendo-se no mais amplo horizonte que se me abre. »

Esta experiencia, infelizmente, não é de todos os velhos!

8. Paulo e a oração.

« Rogo-te, pois, primeiro que tudo, se fação supplicas, orações, preces e acções de graças por todos os homens: pelos reis, e por todos quo estão elevados em dignidade, para que vivamos uma vida socegada e tranquilla, em toda a sorte de piedade e de honestidade, porque isto é bom e agradável diante de Deos nosso Salvador. » — (Ep. 1.ª a Timotheo, cap. 2, v. 2 e 3.)

Notemos: 1.º Os christãos devem ser dados frequentemente á oração, abundar nella, e habituar-se ás supplicas e preces.

2.º Devemos, em nossas orações, interessarmo-nos generosamente por outros, tanto como por nós mesmos. Devemos orar por todos os homens, dar graças por todos os homens, e não limitar nossas orações ou acções de graças ás nossas proprias pessoas ou familias.

3.º A oração consiste em varios modos: supplicas, intercessões e acções de graças; porquanto, devemos orar tanto pelas misericordias de que necessitamos, como devemos ser gratos pelas misericordias já recebidas, deprecando os juizos que merecem os peccados, nossos e os dos outros.

4.º Todos os homens, até os mesmos reis, e os que estão em autoridade, necessitão de nossas orações, porque elles lutão com muitas difficuldades, e estão expostos a muitos laços, em razão de seus elevados cargos.

5.º A oração-pelos que nos governão é o melhor meio de alcançarmos uma vida tranquilla e socegada. Os Hebréos, em Babylonia, forão admoestados para buscarem a paz da cidade, á qual foi Deos servido leva-los em captiveiro, e pedir ao Senhor por ella; porque na paz da mesma terião tambem elles paz. (Jeremias xxix, 7.)

6.º Se desejamos ter vida socegada e tranquilla, devemos viver em toda sorte de piedade e honestidade, isto é, cumprir com os nossos deveres para com Deos e os homens. « Porque o que quer amar a vida, e ver os dias bons, refreie sua lingua do mal, e os seus labios não profirão engano. Aparte-se do mal, e faça o bem: busque paz, e vá após della. » (Pedro III, 10—11.)

Ora, a razão para isto dada, é porque isto é bom, diante de Deos, nosso Salvador; isto é, o Evangelho de Christo exige, que assim o façamos. Devemos, pois, fazer e abundar naquillo que é agradável á vista de Deos nosso Salvador.

A caridade.

Sublime virtude! Aquello que sente o seu coração tocar-se do tua inspiração, realiza em seus actos o cumprimento da lei que resume o amar a Deos sobre tudo, e ao proximo como a si mesmo, a qual foi testificada por Moysés, dando-lh'a Deos, dividida em dez mandamentos.

Oh santa caridade! Aquelle que sente tua luz inundar-lhe o peito, estenderá sua mão sã sobre os

mes apodrecidas do leproso, e sem repugnar o lodo da gangrena e o contacto do pus, uma a uma e pensará as úlceras, com o cuidado que quizera não daquelle que tivesse de amputar um dos membros do seu proprio corpo!

Dicima caridade! Quando tua irradiação celestial projectar-se em meu coração, é que a *Graça do Divino Espírito de Deos*, pela crença em seu Bemdito e unigenito Filho, Jesus, terá de todo vasado o negro útil de todas as abominações que elle segrega, o lodo amuado de todas as corrupções que elle transpiral!

Caridade! Sinta-a o teu coração, — poderoso rei, e avassallas interminaveis legiões de subditos, e te assentas no apice das immunidades e grandezas, — e teus pés descalçarão os burzeguins remanados de ouro e pedrarias, para se rasgarem, nús, as sarças da floresta, para se golpearem nos estigmas do gelo, em procura do viandante transviado e perdido, em busca do mendigo repellido pelo egoismo social! Tua frente e teus membros se despojarão dos bropeis, das esmeraldas e brilhantes; trocarás a coroa da terra pela aureola dos apóstolos do Evangelho; coserás teu corpo á tunica andrajosa do peregrino, e trocando a sumptuosidade de teu solio de rocado e purpura pelo lecto humido de ignorado cardieiro, ávido correrás a dar tua mão unvida e diabolana á mão mirrhada e macilenta pelas labaredas da febre, e a unir tua cabeça soberana ao craneo e pidermes encarquilhadas pelos sulcos da miseria e agidez do abandono!

Corre, corre, discipulo de Jesus, que achaste a graça da fé diante do Arbitro dos reis do universo! *Corre, corre*, quem quer que tenhas sido, oh! peccador, em cuja frente predestinada projectou-se essa luz divina que cegou a Saulo na estrada de Damasco!

O egoismo reclinado nos coxins da voluptuosidade, lambiando as concussões do mercantilismo, rasgando as crenças, e lacerando as emoções da viuvez orphandade, com as delapidações da usura, nos delirios da ambição ferrenha e cega, excommungará tua avidéz! e a sociedade em peso vociferará anathemas que te envolverão como o pô sacudido por seus sapatos, ao deixa-la, e levantado em tua carreira! Mas corre mais, e sempre, oh! crente, e arrependido, que te prosternaste diante do Filho de Deos, para lavar-te com o sangue da salvação de Jesus, e agora levas em teu alforge metade do teu pão para os que cabirão além, exhaustos pela fome! Elles hão de sorrir agradecidos, e tu lhes ensinarás a dar graças ao que te deu a beber da agua da vida!

A Epistola de S. Paulo aos Romanos, analysada.

Cap. I: 1—7. *A saudação do costume*, em que Paulo se declara divinamente chamado para pregar o Evangelho do Deos homem entre todos os povos.

Cap. I: 8—16. *Introdução do thema* enunciado nos versos 16 e 17. 1º: Paulo busca captar a bene-

volencia dos Romanos, manifestando quanto desejava vê-los, e como fazia continua lembrança delles, louvando a Deos pela sua firmeza na fé.

2º: Manifesta a vontade que tinha de, na capital do mundo, annunciar as boas novas de que elle era interprete autorisado.

No 16 e 17. *A Proposição ou Thema* cujo desenvolvimento fórma o corpo da epistola. Este *thema* é o seguinte:

O Evangelho, do qual Paulo era prégador, é a manifestação do unico plano divinamente concebido e autorisado para salvar os homens. O que ha de caracteristico e distinctivo no Evangelho é: PRIMEIRO, que a condição indispensavel da parte dos que queirão salvar-se—é a fé, ficando, pois, annulladas as exclusões, por causa de nacionalidades. SEGUNDO, a salvação dada aos crentes funda-se na justiça divina.

O Evangelho descobre e offerece aos crentes a reclição necessaria para que o peccador seja absolvido, sem derogar da lei de Deos. Essa reclição é de Deos, pois provém da obediencia e paixão de seu unigenito Filho, e é por Deos Pai aceita, como adequada para satisfazer ás exigencias da sua lei. Essa reclição é imputada áquelles que crêm em Jesus-Christo, de sorte que estes são justos pela fé, e vivem a vida espirital e eterna (*).

O desenvolvimento deste thema, em razão do ser a igreja em Rôma composta de Judeos e de Gentios, necessitou que Paulo provasse que nem para uns, nem para outros havia possibilidade de salvação pela sua propria reclição. Esta proposição prova-se *quanto aos Gentios* desde v. 18 do cap. I até o fim, e *quanto aos Judeos* desde v. 1 do cap. II até v. 20 do cap. III.

Os principios sobre que a argumentação de S. Paulo se basêa, são a certeza de haver punição onde ha culpa, e que ha culpa onde o homem sabendo ser qualquer acto criminoso, o commette.

Applicando estes principios fundamentaes aos Gentios, que ignoravão a lei escripta, diz Paulo, que são inescusaveis, pois fazem cousas taes, que a sua propria consciencia e a luz natural os condemnão. Enquanto os Judeos, tendo uma lei mais clara e perfeita, que não guardavão, erão ainda mais criminosos.

Esta prova *negativa* de ser o Evangelho o unico meio de salvação, dá em resultado a convicção tão necessaria como terrivel que Paulo exprime no cap. III desde v. 9 até 20.

(*). *A justiça de Deos*, é phrase que o leitor portuguez difficilmente poderá comprehender aqui, e em outras muitas passagens da Escripura Sagrada. Não se refere ao attributo divino que se chama a sua justiça. Seria absurdo fallar em imputar ou attribuir aos homens a justiça de Deos, se o sentido fosse este. O original grego esclarece perfectamente a verdadeira significação da *justiça de Deos*. *Dikaiosune* é tudo o que faz com que algum seja tido como recto ou justo. A *dikaiosune* de Deos significa o que Deos de sua graça attribue ou lança á conta dos seus, *par aque estes sejião tidos como rectos ou justos*. A materia desta *dikaiosune* ou reclição, é os infinitos merecimentos do eterno filho de Deos. Eis porque se diz ser ella de Deos.

Cap. III: 21—31. — *O amago do thema ou a declaração positiva* de ser o Evangelho a manifestação do meio pelo qual os homens, faltos, como es-tão, de merecimento proprio, podem, mediante a fé nos merecimentos de Jesus Christo, justificar-se perfeitamente diante de Deos. Isto succede assim. A lei divina, cuja pena é a morte, condemna, como fica provado, tanto aos Judeos como aos Gentes.

A immutabilidade do Ser Supremo não consentia que a sua lei deixasse de ser executada. Para que a sua lei fosse executada, e uma salvação gratuita offerecida à raça humana, o filho de Deos e da Virgem Maria offereceu-se sobre a cruz, como victima propiciatoria e vicaria pelos peccados dos homens. Em razão, pois, da redempção feita pelo sangue de Jesus, Deos acha-se justo mesmo quando justifica aquelles que têm fé em seu filho (**). Estes, pela fé, tornão-se participantes da rectidão, que consiste nos merecimentos infinitos do Redemptor. Em outras palavras, a lei que antes os condemnava à morte, por causa do seu proprio demerito, agora lhes assegura a vida eterna, em razão de lhes serem impulados a merecimentos de Christo, a quem elles se unem pela fé.

Como consequencia que necessariamente se liga ao systema evangelico, Paulo nota que fica excluido todo o motivo de homem algum gloriar-se, pois a salvação é gratuita e pela fé (v. 27); e tambem põe termo à differença que havia entre Judeos e Gentes (v. 29). Em resposta à objecção que os Judeos havião de fazer, Paulo acrescenta que a sua doutrina não destruiu a lei antiga, mas pelo contrario, estabelece essa lei, realizando o que ella figurava.

Cap. IV. — Prova-se que Abrahão e David pelo seu exemplo e ensino testemunhão que a salvação é pela fé no sangue de Jesus, e por consequencia gratuita. Esta referencia ao pai dos crentes e a David tinha muita applicação aos Judeos, pois provava que a fé de Paulo era de todos os tempos — era a fé catholica.

Cap. V: 1—11. — *Apreciação dos fructos de justificação gratuita pelos merecimentos de Jesus Christo.* — Os justificados têm paz com Deos, grande consolação na presente vida, e uma certeza da vida eterna, tão firme e indefectivel quanta é a caridade divina d'onde emana a graça justificante.

V. 12—21. — *O parallelo e o contraste* que ha entre a origem do mal e o remedio que o Evangelho descobre.

Todos os descendentes de Adão tornão-se partici-

(**) A palavra *infundida*, introduzida pelo padre Figueiredo, deve ser riscada. Nem o original grego, nem a vulgata latina trazem semelhante palavra. Além de ser adicionada ao texto, dá lugar á idéa erronea de ser a justiça ou rectidão indispensavel á justificação do crente, uma graça *infusa*, quando o não é. A justificação do peccador é uma cousa, e a sua santificação outra. Esta é obra progressiva, em virtude da interna operação do Espírito-Santo; e aquella é instantanea e perfeita pela imputação, pela fé dos infinitos merecimentos de Jesus Christo.

pantes das terriveis consequencias da sua desobediencia. Isto é mais que uma theoria ou doutrina, é um facto. Igualmente o é que os crentes pela fé em Jesus Christo recebem a justificação como dom gratuito. Até aqui o parallelo.

Ha notavel *contraste* em que a graça de Jesus é remedio sufficiente, não só para o peccado original, mas para todos os peccados. Ainda mais os fructos da graça que havemos de gozar no paraíso celestial são muito mais abundantes e ricos que erão os do paraíso, perdidos por culpa de Adão.

Cap. VI e VII. — *A refutação de certas objecções* que a primeira vista parecem ter cabimento contra a doutrina da justificação pela graça.

V. 1. — *Primeira objecção* apresentada pelos adversarios de S. Paulo. « Se com effeito onde o peccado abundou, superabundou a graça, logo é licito vivermos em peccado, afim de que a graça divina se manifeste cada vez mais brilhante. »

Paulo responde a esta impia proposição, fazendo ver que a participação dos merecimentos da paixão e morte de Jesus nunca tem lugar, senão no caso daquelles que recebem uma nova vida. A fé justificante não é uma crença esteril. É um dom sobrenatural que estabeleço entre o crente e Jesus uma união tão vital e intima, que é impossivel que aquelle, por pretexto qualquer, viva mais naquillo que tanto offende a este.

V. 15. — *Segunda objecção.* — « Se as nossas proprias obras de maneira alguma são attendidas, quando Deos nos justifica, é-nos escusado guardar a lei. »

Paulo repelle tal idéa com horror, appellando para a verdade dos factos. A liberdade do Evangelho e a licença nos costumes não podem coexistir.

A historia de todos os tempos, tanto como a vida dos membros da Igreja, em Roma, cujo exemplo Paulo aqui cita, prova exuberantemente que uma fé não fingida nos infinitos merecimentos de Jesus, sempre obra por caridade e purifica o coração onde ella habita.

V. 7 do Cap. VII. — *Terceira objecção.* — « A lei moral, além de inutil, é a causa de nossos crimes. »

Paulo responde, explicando como a lei em si é santa, justa e boa; porém em razão da fraqueza, a concupiscencia dos homens, a justificação destes, tanto como a sua santificação, tem principio e fim na graça de Deos por Jesus Christo Nosso Senhor.

Cap. VIII. — Terminada no precedente capitulo a logica exposição do modo por que o peccador se justifica, segue-se neste capitulo *uma animadissima descripção do feliz estado dos justificados.*

Os seus privilegios são:

V. 1—4. Estão livres da condemnação da lei.

V. 5—11. Nelles habita o espirito de Christo. O qual os regenerou e cada vez mais santifica.

V. 12—17. São filhos do Deos e herdeiros do gloria.

V. 18—28. As suas afflicções não impugnaõ isto, pois não tem proporção com a gloria vindoura, e contribuem para o bem espirital dos que as soffrem.

V. 29 — 30. Em razão da immutabilidade dos conselhos divinos, e da infinita graça de Deos, manifesta em Christo Jesus, a sua salvação eterna é certa.

Paulo está « certo que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as cousas presentes, nem as futuras, nem a violencia, nem a altura, nem a profundidade, nem outra creatura alguma nos poderá apartar do amor de Deos que está em Jesus Christo Senhor Nosso. »

Cap. IX, X e XI. — O thema do v. 16 do cap. I diz que, a salvação annunciada no Evangelho é dada indiscriminadamente aos Judeos e aos Gentios, com tanto que tenham fé.

Esta doutrina parecia em contradicção com a revelação do Velho Testamento. O Apostolo se vê forçado a explicar a *rejeição dos Judeos* e a *vocação dos Gentios*, nestes capitulos, citando o Velho Testamento, para provar que tudo lá está prophetisado.

Concluindo esta parte do assumpto, o Apostolo, com o intuito de abrandar a dor que naturalmente sentirão os Judeos pertencentes à igreja em Roma, traz duas considerações consoladoras:

1.º Muitos Judeos (e destes erão Paulo e seus leitores da raça Abrahamica), aggregando-se a Christo, não foram regeitados.

2.º A conversão do resto da nação está destinada para o futuro.

Caps. XII, XIII, XIV, XV e XVI. — O Apostolo, como era do seu costume, concluindo a parte doutrinal e argumentativa, fez aos Romanos as *exhortações convenientes ds circumstancias em que se achavão*. A fé, que não obra por caridade, é morta. As doutrinas, que não se traduzem em obras de piedade e amor para com os nossos semelhantes, não podem ser divinas.

NOTICIARIO.

Os noticiadores mais bem informados são concordes em dizer que um tratado se assignou em Paris, no dia 15 de Setembro, entre a França e a Italia. As suas principaes condições são as seguintes:

1.º As tropas francezas deixarão Roma dentro do prazo de dous annos, até dar tempo ao governo romano de organisar a sua força armada. Este prazo pôde ser encurtado, se as circumstancias o permittirem, mas não prorogado;

2.º Retiradas as forças francezas, o governo italiano obriga-se a respeitar as fronteiras romanas, e a impedir que alli penetrem forças armadas regulares ou irregulares;

3.º Os governos de França e de Italia comprometem-se a não permittirem nenhuma intervenção estrangeira em Roma;

4.º O governo italiano toma á sua conta os encargos das quatro quintas partes da divida do governo romano.

O tratado regula muitos promenores, que não são conhecidos, e que não têm a importancia das precedentes bases fundamentaes.

Presentemente discute-se na Grecia uma nova constituição, cujos artigos são os seguintes:

Art. 1.º A religião dominante na Grecia é da igreja oriental orthodoxa de Christo. É tolerada qualquer outra religião conhecida, e os que a professão podem livremente exercê-la no seu culto, sob a protecção das leis. O proselytismo e qualquer outra intervenção prejudicial á religião dominante sãõ prohibidos.

Art. 2.º A igreja orthodoxa da Grecia, reconhecendo como chefe Nosso Senhor Jesus Christo, conserva-se indissolvelmente unida; quanto aos dogmas, á grande igreja de Constantinopla; e a qualquer outra igreja de Christo, que professe as mesmas doutrinas. Conserva na sua integridade, como as igrejas acima mencionadas, os canones apostolicos e os dos concilios, assim como as santas tradições; só dimana de si, exerce os seus direitos soberanos, independentemente de qualquer outra igreja, e é governada por um synodo de bispos.

Os arcebispos, bispos, e padres da igreja catholica, deverãõ ser cidadãos Gregos.

Muito bem diz Guizot: que « a fé e a liberdade religiosa não podem coexistir, sem que se desenvolva o espirito de proselytismo. A falta desse espirito implica necessariamente, ou que a fé religiosa é morta; ou que não ha liberdade de consciencia. »

Por mais que a Grecia e outros paizes o queirão achar, não ha meio termo. A negação do direito de propagar a fé é a morte da fé. Qualquer tolerancia ou liberdade, que não garantir este direito, é uma irrisão.

Pharaó, querendo acabar com a nação escolbida, a tolerava, mas tomou providencias para que os filhos machos morressem. A tyrannia religiosa não tem sabido inventar melhor medida, para conseguir os seus fins.

Consta da Republica do Venezuela, que a constituição ultimamente adoptada, estabelece a liberdade de cultos. É um passo na senda do progresso verdadeiro.